

Sultana

Revista mensal, literaria, critica,
humoristica e illustrada :: ::

Director :

Casimiro Brites Figueiredo

Anno I

Num. 11

JUNDIAHY,
28 de Julho de 1929



Dolores Del Rio



SULTANA

REVISTA MENSAL JUNDIAHYENSE

Assignatura annual :	12\$000
Numero avulso :	1\$200
Numero atrasado	2\$000

Pagamento adeantado

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao Director, snr. Casimiro Brites Figueiredo e endereçada a Avenida Dr. Cavalcanti n. 84 — Jundiahy.

Publicaremos gratuitamente photographias, instantaneos, « charges », caricaturas etc. enviados por nossos amigos e assignantes. Daremos sempre preferencia a assumptos que se refiram a vida de nossa terra.

Acceitamos collaboração, mas não publicaremos artigos politicos, polemicas, criticas ferinas etc. Não nos responsabilizamos pelas ideas expendidas pelos collaboradores.

Não devolvemos originaes. mesmo quando não publicados.

Todo e qualquer assumpto que se relacione com « Sultana » deverá ser tratado com o Director.

O MAGICO

E' uma lenda de um aroma perverso e vago; fragancia do Oriente mysterioso e longinquo com seus sortilegios, suas feitiçarias, sua magia nefanda, seus vicios seculares e suas vinganças refinadas e subtis...

Ibrahim, filho de fakir, havia herdado do pae a sciencia occulta das maldições, o mysterio das plantas que dão o amor e a morte, o segredo da linguagem ineffavel dos astros que constellam as noites profundas de trévas e o ritmo das musicas que adormecem e amansam as feras do deserto e os reptis venenosos que povoam os bosques immensos, em cuja sagrada quietude a chimeira gera fabulosas tragedias de pezadellos.

Ibrahim, o moço, corria o mundo indo de cidade em cidade e de aldeia em aldeia com sua collecção de serpentes, com seus cofres em cujos forros se escondiam as sementes perturbadoras, os venenos poderosos e as formulas mysteriosas de uma alchimia perversa...

Ibrahim ao rouco som do tambor, congregava os curiosos e sobre uma esteira mostrava primeiro, como rigidas barras multicores sua collecção de ophidios.

Lentamente, ao som do instrumento e ao conjuro das palavras cabalisticas, começava o encanto.

Mudavam-se as barras em vivas espiraes, erguiam-se em pontos de interrogação estremeedores; saltavam como si tivessem molas;

curvavam-se em arcos e se enroscavam nas pernas, no collo e no pescoço do magico, buscando seus labios finos com o triangulo de suas boccas, nas quaes silvava um estylete, a lingua impregnada de peçonha.

Ibrahim tinha uma companheira, Fatma, comprada por elle como escrava no mercado de uma grande cidade... Fatma submissa, sempre silenciosa, aceitava o captiveiro por medo do homem mysterioso de quem sabia que podia dar-lhe a morte com qualquer dos remédios occultos nos cofrezinhos do magico...

Fatma, a escrava, odiava a seu senhor, aquelle

oriental frio e despotico que nunca teve para ella uma palavra de ternura, que a tratava como instrumento de seu regalo.

Durante varios annos, Fatma, guardou o rancor, com esperanza tenaz, esperando o dia de sua libertação.

Dissimuladamente foi descobrindo os segredos daquella sciencia mysteriosa do dono, conhecendo aquellas essencias subtis, aquellas drogas vaporosas que produziam o amor e a morte...

E um dia, na sua tenda, debaixo das palmeiras do oasis, Ibrahim appareceu morto.

No pescoço alguns traços vermelhos marcavam a pressão de um dos cingulos estranguladores...

Em torno do cadaver repousavam fóra dos cofres as serpentes assassinas...

Isso foi o que viu a justiça... As cobras encantadas haviam surprehendido o magico no somno e lhe haviam dado a morte...

E ninguem viu no profundo dos olhos de Fatma um resplendor de jubilo que era a felicidade pela sua libertação.

Ninguem viu tampouco que no silencio da ultima noite, o amor entregou o magico aos braços da escrava, e que foi ella com o proprio veu de captiva que envolveu nos seus braços o pescoço de Ibrahim e o apertou com todas as forças até que, a morte, piedosa, puzesse fim a dôr da agonia...

E logo as serpentes libertadas, enroscaram-se no pescoço de Ibrahim e simularam e dissimularam o crime... e crime da escrava libertada, cujas braços perfumados foram as brancas serpentes executoras.

CASA LIMA

com armazem de seccos e molhados finos, louças, ferragens, etc, etc.

J. Lima & Cia.

Rua Vigario J. J. Rodrigues, 28

Phone, 112 --- Entrega á domicilio

JUNDIAHY

O CHRISTO DE OURO

Ha muitos annos, bem me lembro, que me separaram da minha Hormezinda.

Foi n'uma tarde triste de verão. A noite vinha descendo, quando liguei ao seu collar de perolas aquelle pequeno Christo de ouro, que me dêra minha mãe.

Parece-me ver ainda aquella expressão melancolica e suggestiva do semblante do Nazareno, como que compartilhando nossa dor, á hora da despedida,

Pobre Hormezinda! Tão creança e já sabia soffrer e amar.

Mas quiz a fatalidade separar-nos para sempre...

Um dia, eu vinha de longe, muito longe para leval-a commigo, para pôr termo ao nosso viver de torturas, para mitigar a grande saudade que me aca-brunhava.

Ella tinha-me escripto estas linhas: «Vem... Calcarei aos pés todos os preconceitos, abandonarei tudo o que tenho de mais caro para seguir-te. Iremos para longe do mundo, e, lá, entre os aromas e canticos das florestas, quero adormecer no teu regaço amigo, adormecer para sempre, talvez...»

E, eu, vinha antegozando esse mundo de delicias, quando, de um pequeno comoro, avistei, a casaria branca da pequena cidade.

Parei para interrogar um velho, que se aproximava, cabisbaixo, com o semblante abatido.

Perguntei-lhe onde seria.

naquelles sitios, a habitação de Hormezinda.

— «E' alli, n'aquelle velho cemiterio, na catumba n.º 904 — respondeu-me elle. — Acabaram de sepultal-a neste momento.»

E os grandes olhos do ancião encheram-se de lagrimas.

— Pobresinha — continuou elle — era a mãe da pobresa. Mas que paixão meu senhor, que magua occulta que aquella pobre alma soffria! Eu a vi desprender o ultimo alento, apertando ao seio um crucifixo de ouro, que ella trazia ao pescoço e beijava, sempre a chorar, que fazia pena. Conheceu-a meu Senhor?

— Oh! sim... Ha muitos annos, bem me lembro... Foi n'uma tarde triste de verão. A noite vinha descendo, quando preendi ao collar de perolas de Hormezinda aquelle pequeno Christo de ouro que me dêra minha mãe...

OVIDIO DE MELLO



VOZES DO
— ANOITECER

— Você soffre. E nunca lhe ouvi uma queixa.
— Felizes os que se podem queixar.

Encruzilhadas... Foi numa dellas que nos encon-

trámos. Havia atalhos infinitos. Procurámos uma grande estrada. A estrada era larga e havia muita gente entre nos dois. Outra encruzilhada nos separámos.

Depois que nos perdemos é que nos quizemos.

**

Porque é que as mulheres que nós amamos e nunca souberam esconder o tédio que lhe inspiramos nos dizem quando nos despedimos dellas para sempre — sejamos amiguinhos. Porque?

**

— Ha uma volupia maior que a volupia de possuir; a volupia de pensar que se pôde possuir.

**

— Já ouviste a voz das pendulas, na noite? Quando ha silencio no teu quarto, trevas lá fóra, cantigas de gallos apagadas na distancia e a sombra de alguem no fundo dos teus olhos? Já?

D.

Casa de Encanamentos

Cyriaco Vidilli

Rua Barão de Jundiahy, 55

Pharmacia Italiana

Rua Barão de Jundiahy, 100

Telephone, 21

JUNDIAHY

M. Briza & Cia. Ltda.

Completo sortimento de productos chimicos e pharmaceuticos, nacionais e estrangeiros.

Esmero e Escrupulo.
Preços modicos

O SENTENCIADO

Meio dia.

Sob o sól e a poeira, pela estrada vermelha, passa um sentenciado. Adivinha-se pela roupa que veste e pelos soldados que o acompanham. O misero estado de suas vestes denota grande jornada e o cansaço que se manifesta em seu rosto, dizem da distancia da caminhada. Macilento, de faces encovadas, a trahir grandes padecimentos, fome e fadiga, caminha lentamente, sem tentar sequer fugir. Parece não almejar a liberdade e sim a morte. Lança as vezes um olhar escarnekedor ás praças que o acompanham, como que a gozar o cuidado que tomam com elle. E caminha... caminha sem cessar.

Na monotonia fatigante do caminho ás horas se succedem interminavelmente.

O sól ja descambava no poente quando a triste comitiva entrou na cidade e atravessou o largo principal da cidade. O povo até então em lida azafama, vendo o pobre sentenciado, com os olhos semi-cerrados e mudos os labios, ficou a fitar-o até dobrar uma esquina. E' que na expressão cançada d'elle, havia algo de meiguice e de ternura a denunciar um innocente.

E' vencida a triste e longa jornada. Eil-o agora solitario e meditabundo, num carcere lugubre e frio como uma sepultura, como sóem ser todos os carceres. Um suor frio corre-lhe da fronte ao passear a vista semi-nublada pelas paredes pesadas e escuras da prisão.

Este caleirio trouxe-lhe passageiro desanimo. Após um momento de reacção, sente um desejo enorme de falar, de se desabafar. E brada:

— Um innocente aqui neste calabouço maldicto!... Oh! Esposa de minha alma! Oh! meus filhinhos queridos! Que será de vós sem o vigor destes braços? Quem vos ganhará o pão de cada dia? Oh! Por certo perecerão de fome, pois vossa mãe num leito de dores aguarda de continuo a morte. Então o ferir um ente indigno, em defesa propria, acarreta uma tão cruel sorte? Oh! Deus que lê no nosso intimo sabe que eu sou innocente...

Cançado, adormece sobre o cimento frio da prisão, a sonhar talvez com os entes queridos dos quaes a fatalidade o separára.



Prefiram o Salão BUENO

Barbeiro e Cabellereiro de

Quinzinho Bueno

Recentemente aberto nesta cidade

20 - Capitão Damasio - 20

Jundiaby



Accorda pela madrugada. A aura fagueira da manhã perpassava de mansinho, emballando o arvoredado que circundava a cadeia. E o pobre prisioneiro agarado as grades da prisão monologa, soluçadamente:

— Oh! Doce brisa que perpassas pelas pobres janelas gradeadas deste carcere! Leva uma saudade á minha esposa amada e aos meus pobres filhinhos! Oh! Tu passas indifferente ás minhas supplicas!... Perpassas insensivel ao meu soffrimento! Só Deus, a Bondade infinita, poderá conceder a este desgraçado, a felicidade almejada.

E com os olhos lacrimosos a fitar as linhas do horizonte, onde começava a surgir os primeiros lampejos do astro rei e a admirar trefegas andorinhas que esvoaçavam, magestosas, pelos ceus infindos, não poudo conter um lamento:

— Oh! Quanto vos invejo, gentis senhoras dos ares; tendes a imensidão do espaço ao vosso dispor e tudo quanto vos apetece! E eu... apenas as humildes e infectas paredes deste carcere e um pão negro que os proprios cães regeitariam.

Depois desse desafogo, queda-se a scismar, aguardando apenas de Deus a Justiça que dos homens não cusava esperar.

São Paulo, 10-5-29.

GENOVEVA LOURENÇO



PERGUNTAS INDISCRETAS

Porque tardará tanto o Oswaldo S., em escolher aquella que deverá ser na vida, a companheira idealizada em seus sonhos de joven?

Será verdade que o Alberto R. O. anda apaixonado por certa creaturinha vinda de longiquas plagas e cujos cabellos são louros... bem louros?

Quaes serão os pensamentos que habitam o cerebro do Felicio B. C. que o tornam assim tão quieto e retrahido, fugindo ao convivio feminino?

Já terá o Totó O. sentido agulhar-lhe o coração o acerado punhal do ciúme, exactamente na sua idade, em que se ama com mais ardor?

O Alvinho L., que tem o seu «que» de phylosophia terá enfim encontrado alguém disposta a trocar ideas phylosophica-matrimoniaes?

Porque será que a Jacy M. é tão quietinha no Escriptorio e pouco, muito pouco conversa com os seus muitos amiguinhos e amiguinhas?

Teria a Helena M. vindo a Jundiaby, apenas visitar a terra ou matar as saudades que sentia por certo rapaz

que parece amal-a um pouco?

DIZEM QUE...

o Bento S. vae se animar a pedir a sua Deusa pois não pode mais viver distante della.

o Orestes S., tudo supporta, excepto o viver tão longe dos encantos daquela que o traz enamorado.

o Sarg. Juvenal encontrou agora o seu ideal e que ha de amar com toda a intensidade que offerece os vinte annos.

o Benedicto G. aneia por ver logo realisado o seu hymeneu, pois que só esse facto é que poderá torná-lo inteiramente feliz.

MEXERIQUEIRA

POSTAL

Ao Alaôr Ribeiro

Punge-te o coração a tristeza de viver longe do ente amado; entristece-te a alma ao sentir-se orphã dos olhares de alguém. E por isso e que te sentes triste? Oh! Não, meu bom amiguinho, o amor é que nos dá força para a lucta, alento para proseguirmos sem desfallecimento na conquista de nosso sonho. E o teu sonho é um sonho lindo, um sonho alcandorado, que será um dia realidade se souberes te dominar e vencer. Eu que de ha muito ando captiva de certos olhos, que longe residem, sei o quanto é penoso viver distante desses olhos. Mas quando eu vislumbro bem de perto o brilho desses olhos, oh! Meu Deus, como eu me sinto feliz! Lucta, pois, a imagem de tua amada será teu guia e um dia serás o vencedor e dirás então comtigo proprio: — Sou feliz.

Perola Pallida

o Illo M., mantem sempre aquella sua «pose» característica para sentir-se admirado por aquellas que formam a phalange adoravel das mulheres bonitas.

a Pierina S. não se esquece de certo discipulo de Galeno, que por algum tempo foi seu apaixonado e que hoje se mantem afastado.

a Linda P. adora as matinees do Polytheama, mas que ha alguém que não aprecia muito esse seu gosto e não perde oportunidade de se externar.

a Barbara F. sorri agora com mais vida, por saber que ha alguém que pensa em si, de algum tempo a esta parte.

a Olga S. deixou em Jundiáhy um coração a chorar compungido pela magua que a separação causou e com a qual não se conforma.

a Marianna C. sente seu coração abrir-se a um novo amor, deixando em pós de si a admiração de quem a julgava inconquistavel.

Linguinha de Prata



Folhas Soltas

Feliz o homem que sofre e que no meio do seu soffrimento não se revolta contra os que o apedrejam. Um dia o desgraçado terá a seus pés todos os

espinhos transformados em flores germinadas pela paciência e pelo perdão.

Beijo tuas tranças menina,
Aljofradas de perfume,
Rescendendo qual neblina,
Bafejada de ciúme.
A tua voz é acavatina;
Riqueza que se resume:
A modestia peregrina.

Um pae pode ser o mais perverso dos seres, peregrinando pela terra, mas, nunca elle esquecerá do olhar d'uma filha ao depositar-lhe na face suarenta, um beijo confortador como maná celeste.

Imagem dos sonhos meus,
Retrato de minhas dores,
Esses olhos cor dos ceus,
Nunca causam amargores,
Escravizam mesmo a Deus.

O filho que despresa as asperezas do pae e ensurdece aos conselhos da mãe, um dia perceberá o quanto foi insensato e não terá forças capazes para implorar o perdão que redime.

Os teus olhos de princeza,
Desvanecem um mortal:
Indagando a natureza,
Linda, linda sem rival:
A rainha da belleza.

Moças, que no verdor dos annos consomem os sonhos de amor, lembrem-se sempre de que a mocidade não passa de uma bolha de sabão levada pelo vento e bem depressa virão os dias enfadonhos.

ROSA DO PRADO

ANGELUS

O astro rei dando o ultimo adeus ao dia que vai morrendo esconde-se lentamente por traz dos montes, traçando nas nuvens do poente caprichosos arabescos auri-roseos!...

E' a hora silenciosa e triste do crepusculo, hora doce e poeticamente melancholica...

A calma do momento, que infiltra no espaço a tepidez de um beijo materno, é interrompida, ora pelo chilrear de uma andorinha retardada em busca de pouso, ora pela melopéa em surdina de um regato, ora pelo estridulo crieri dos grillos annunciando a aproximação da noite, e ora ainda pelo tanger longinquo de um sino a chamar os crentes para as orações vespertinas... Dentro em pouco, porem, faz-se silencio absoluto, a natureza queda se extatica, ante o misticismo da hora como a elevar-se numa prece silenciosa ao Supremo Architecto, seu creador, e, eu, infima parte dessa grandiosidade, tambem nesta hora, impulsionada pela mesma força mística que ao soar «Angelus» faz a natureza toda encerrar-se em si mesma, sinto-me como que exteriorizada da materia, deixando por um momento minha alma evolar-se ás regiões ethereas e prostar-se aos pés do Creador numa supplica ardente para que prolongue por infinitos annos a existencia do ser a quem quero mais que a propria vida, do anjo que eu adoro, da santa que é minha Mãezinha.

Paranaguá, 9-Junho-1929.

DAVINA C. C. CORREIO



Martyrio immenso o de viver-se - agrilhoada á perenne recordação de um passado feliz. As janellas d'alma abertas aos effluvios dulcissimos de phrases d'amor que soam aos nossos ouvidos como o suave murmúrio da brisa em um estendal florido. Os olhos abertos para o mundo, fixos na miragem que para nós representa a felicidade vindoura. Subir-se entre hymnos e flores ao pedestal mais alto que jamais a nossa loucura formulára e depois, cahir em estilhas, sentir o pó da terra a envolver os membros partidos. Ler-se a luz do alampadario celeste os bilhetes d'amor de cujas phrases ainda guardamos sabor. Muito triste, Juranda, muito triste. Tudo passa neste mundo, tudo! Somente a lembrança de um bem que por minutos se gosou na vida perdurará na nossa retina. A felicidade é como longinquas estrellas a luzirem no firmamento azul. Ou se acha muito longe, tanto que as nossas mãos não conseguem atingil-as ou se desprendem, cahindo nos mares, perdendo-se para sempre. A ti, Juranda a evocação de um passado summamente feliz da

JUREMA

Medalhões

ELSA PACHECO... um sonho delicioso e deliciosamente vivido em uma casita branca á beira-mar... vagalhões tumultuosos quebrando-se em niveas espumas de encontro á praia... sereias bohemias tentando as frageis embarcações. Sonhos... deliciosos sonhos da mocidade.

LYGIA ARAUJO... uma estrellinha luzindo nos céos infinitamente grandes e infinitamente azues de uns olhos que passaram pela vida, nas caladas das noites de primavera, prescrutando o mysterio de corações que se desejasse possuir.

IRMA PICARELLI... um quê de uma pedra rara, despedindo chispas á luz de matutinos arrebóes...

gotta de orvalho brilhando nas corollas vermelhas de rosas perfumadas, tão perto e que se não colhe nunca...

LOURDES SOARES OLIVEIRA... um poema de Mistral cujos versos traz para as almas romanticas a delicia de entorpecentes venenosos... uma interrogação azul que paira nas ultimas linhas de uma carta de amor...

PENHA MARTINS... os effeitos da musica moderna produzidos no ambiente de um salão antigo onde um jazz-band tocasse um delicioso fox e moçoilas de saias á 1850 dançassem com homens da mesma época. Delicioso contraste no seculo do jazz e dos flirts...

ANTONIO DE OLIVEIRA JUNIOR... antigamente, quando se identificára em outro pedaço de céu tão junto ao nosso, parecia ouvir o commandando uma cohorte de legionarios creanças, todos de branco, futuros defensores do Brasil de amanhã. Depois como que saudoso desta terra, aqui voltou e parece commandar agora legiões de corações que ingenuamente se submettem (dizem) á sua vontade, ao que eu ajuntaria: á vontade do seu coraçãozinho d'oiro.

ERASTO SANCHES RODRIGUES... quem o vê pelas ruas, muitas vezes a gesticular sosinho, pensará talvez que Mephisto, a exemplo de Fausto, inoculou em seu sangue, o sangue de d'Artagnan... mas não é a espada que elle procura jogar com maestria fóra do commum, são os passos novos de uma dança nova que o traz pensativo, quer ensaial-os a todo o momento... para não esquecer.

JOÃO PAZ FERREIRA... qual novo Diogenes, procura com a lanterna ás mãos á luz do sol, um homem que diga ter conhecido aquillo que symbolizamos em raminhos de oliveira. Mas o Paz não encontra a paz. Onde quer que esteja, torna-se o pomo da discordia entre as moças que o perseguem e que lhe disputam ao menos um sorriso. Imaginem se elle tivesse o sobre nome de Guerra...

LUIZ MARTINS BONILHA... contam as historias antigas que um homem na falta de melhor serviço em que empregas-

se o precioso tempo achou que devia imitar o Jack Dempsey. Mas... o Jack é o Jack. E vai dahi o Bonilha desistiu do intuito e anda agora esmurrando o coração da gente... do sexo fragil... com trez dedos da labia que elle bem conhece, á guisa de luvas de onça e meia...

MARIO MARTINHO... em uma campina toda verde... á luz vivida de uma alvorada festiva eu o vi procurando em um taboleiro de trevos um que tivesse quatro folhas... Para quê? Dizem que elle traria a felicidade e o Mario, não o encontrando, talvez ainda hoje o procure numa ansia inaudita, em um penoso afan...

LAGRIMA OCCULTA

Annuncios...

gratuitos

Affectos - Coração insensível, deseja receber lições praticas de amor. Procurar Ermido Gennai.

Noiva - Rapaz com o coração em disponibilidade procura uma noiva. Offertas a Flavio Amaral.

Bonde - Vende-se um, comprado recentemente, completamente sem uso. Cartas a Natal Carletti.

Danca - Procura-se um Professor de danças classicas. Cartas com detalhes a Mario Martinho.

Estatura - deseja-se conhecer um methodo para diminuir a estatura. Escrever a Gustavo Storch.

Florista - Offerece-se uma, especialista em flores de rethorica. Procurar Ondina Pontes.

Sympathia - Ensina-se a pessoas de fino tratamento o meio de atrahir sympathias. Dirijam-se a Iracema de Oliveira.

Professora - Offerece-se uma com pratica de methodos confusos. Cartas a Annita Jaroslowski.

Jardinella - Para tratar dos jardins de amor. Aceita offertas. Cartas com detalhes a Linda Petroni.

Sorrisos - A dona dos mais bellos sorrisos jun-diahyenses dispõe delles. Procurem Guaraciaba de Oliveira.

ANNUNCIANTE

Faces & Fachadas

P. R. A.

Com pose á coronel já reformado,
Cavando no Congresso um augmentinho mais,
Eil o, o nosso amigo, um tanto apressado,
Procurando promoções em todos os jornaes.

E discute allemão, como allemão casado,
Escrevendo poemas e sonetos em alguns postaes,
Inglez é com elle. Um dictionario encadernado!
Nunca eu vi igual, em «tempo algum, jamais!»

Foge das moças com medo ao hymeneu,
E amarrado ás rochas qual novo Prometheu,
Sente sumir-se aos poucos o coração...

Alegre vive, alli no Bar do Ponto,
Depois das 11 contando mais um conto,
E chupando... um charuto de tostão...

ALLI-BABÁ

ANNO I

NUM. 11

Sultana

Director: Casimiro Brites Figueiredo

Revista mensal, literaria, critica, humoristica
e illustrada

Jundiahy, 28 de Julho de 1929

Inverno. Manhãs frias e noites gelidas. Vultos que passam envolvidos em amplos sobretudos. Sombras que passeiam, numa ostentação magnifica de pelles e de lãs. Arvores despidas de folhas, a erguer para os ceus seus galhos nus, como se fossem braços, a suplicar a Deus agasalho. Nem uma avesita a gorgear.

Dias brumosos, tristes. O céu sempre coberto de nuvens escuras parece prometter sempre chuva. Cortante, perpassa um vento, frio.

Nas casas ricas, onde abundam as peluccias e os agasalhos luxuosos, o periodo frio passa quasi que sem sentir. Mas, nas casas pobres, onde nem sequer os tapos abundam, oh! ali é triste o inverno. Ao pé de misero fogo, onde arde o ultimo graveto, miseras creanças e tristes paes, tiritam de frio, pedindo a Deus que faça com o calor do fogo dure um pouco mais.

Inverno! Estação de ostentação para os abastados! Inverno! Estação de retrahimento para os desprotegidos da fortuna.

Junho! Frio, elle está a se despedir de nós. Junho ainda nos offerece um pouco de frio, mas não tanto quanto o seu antecessor. E por isso os pobres veem junho se afastar quasi que com alegria. Dentro em pouco não mais veremos pelas nossas ruas essa tristeza que o inverno traz.

Inverno! Manhãs frias e noites gelidas. Vultos e sombras que passam tiritantes.

AFFINIDADE ...

(Ao brilhante poeta
Innocencio Mazzuia)

Freme, minh'alma, de delirios cheia,
Cheia de amores quando te diviso,
Sublime virgem, divinal sereia
Si transparece o teu gentil sorriso ...

E em vôos ondeantes, pelo espaço afôra,
Desfeita a névora de qualquer tristeza,
Canta, arroubada, como a natureza
Quando desponta no levante a aurora.

Crêsem-lhe os gózos da alegria ás faces,
Nesses momentos de jovial ventura ...
E ao leve chôque de subtis trespasses
Mais nivea canta, si o sorrir perdura.

Mas, si á penumbra d'um torpor desliso ...
Como quem sofre, como quem anseia,
Minh'alma afflicta, no meu ser colleia,
Talvez saudosa de um gentil sorriso ...

22-7-29.

ARMANDO COLAFERRI



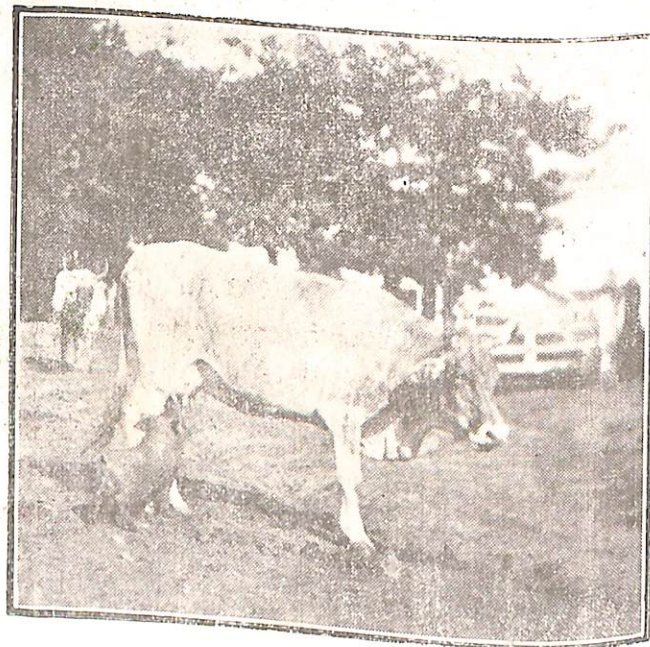
ULTIMO PEDIDO

Mulher, si alguém, em prosa qualquer dia
Te perguntar do amor que florescia
Em nossos corações;
Peço-te não dizeres a verdade
Dessa quadra que foi na eternidade
Do mar das illusões.

E si acaso insistir sobre o passado
De tudo o que se encontra sepultado
No fundo de meu peito;
Dirás, então, chorando falsamente,
Que fui demais ingrato e num repente
Deixei-te, satisfeito.

E fui buscar novo amor, novo carinho
Noutra mulher borita que ao caminho
Da vida, me esperava;
Que também por me amar sofreste tanto
E eu vendo cruelmente esse teu pranto
Sorria e desprezava.

Mas não digas, te peço neste verso,
O fim do teu amor negro e perverso,
Cercado pelo mal;
Nem contes a grandeza e lealdade
De quem quasi perdeu a mocidade
Por ti, mulher fatal.



Interessante e curioso instantaneo apañado pelo nosso amigo snr. Alexandre Jankzur, proprietario da conceituada Photographia Ideal, desta cidade.

TYPPOS POPULARES

ESTEVAM - o assoviador

Dos typos populares que em ligeira revista estamos passando, um dos mais queridos, talvez devido ao seu amor sincero a esta terra, é o nosso caro Estevam. Desde o momento em que aportou a estas plagas papudas, desde o momento em que trago a deliciosa e milagrosa agua da biquinha do Rosario, jamais pensou em d'aqui mudar-se. Achou que essa agua lhe fazia bem e aqui ficou. E fez muito bem por que assim tornou-se querido e popular. Seu temperamento, de bohemio manhoso, adaptou-se perfeitamente á terra que D. Petronilha, por um desses ligeiros acasos á moda Cabralina descobriu. Antigamente, o heróe que illustra hoje o n.º 11 de Sultana, tinha verdadeiro pavor pela arma de fogo, mas agora, naturalmente, acompanhando o progresso, achou que essa ideia, essa innovação, não tem mais o sabor de tempos idos. E por achá-la já velha e archaica, não teme mais o revolver, esse perigo, aliás feito com malicia, pela mocidade só com o fito de vel-o amedrontado. Hoje quando lhe puxam um «schimit» faz uma figuinha e sorrindo desarma o inimigo:

— Vá elle! Isso faz «pichi» na mão de creança, moço!

— Guarde isso! ...

Surgiu das terras proximas de Rio Claro.

E do seu berço distante,

guarda vaga recordação, procurando mesmo esquecer-o, não sei por que.

— Decerto alguma creoula feriu com a setta venenosa e traiçoeira de Cupido, o seu coração?

— Também não sei!

O facto é que para o Estevam não ha terra tão sublime como esta, em cujos rios corcoveiam os bagres ligeiros, em cujas campinas verdejantes se estendem as folhas de parra ...

Estevam, é o homem servil, por excellencia ...

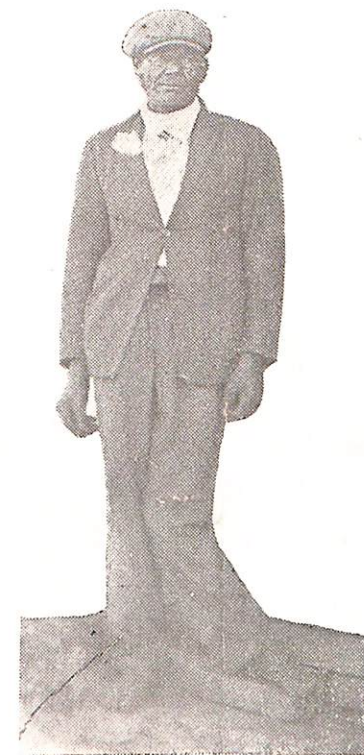
Não ha pedido que se lhe faça, que não attenda pressuroso. A' tardinha, antigamente, a soviando arias da sua fertil imaginação percorria as ruas manquitolando, com uma lata á mão, fazendo tempo para que chegasse á hora da boia, desta ou d'aquella casa. Em assovios, era exímio e é por isso que assoviava a vida inteira, systema da bohémia cigarra. Hoje anda meio triste. Não o vemos mais com a sua inseparavel lata de 2 kilos, á mão, a percorrer a cidade.

Quasi que não ouvimos mais o seu assovio. Algo de extraordinario se passou no seu temperamento d'antes bohemio e irrequieto, desse que hoje perambula pelas ruas, triste e melancholico.

— Não será talvez saudades de um passado que vai longe?

— Pode ser.

— Talvez alguma paixão aguda. Algum desses casos communs de amor? Não sei!



T eu coração

Vês como sempre contente,
 Todo vibrante, fremente
 E amoroso, o colibri
 Beija a flor a cada instante?
 Amor tão lindo e constante,
 Eu confesso: nunca vi.

Além disso, o inquieto, alado
 E pequeno namorado
 E' feliz no seu amor,
 Pois, consegue, quando adeja
 E amorosamente beija,
 Ver o intimo da flor.

Eu, emvez, que te namoro,
 Eu que te beijo e te adoro
 Com a vehemente paixão
 Dum amor que me fascina,
 Não pude ainda, menina,
 Conhecer teu coração.

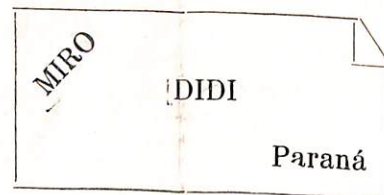
F. PESSOLANO

As laranjas de Didi

Foi n'uma tarde fria de Junho, bem me lembro. So-
 prava de manso esse ven-
 to tão caracteristicamente
 nosso, quando cheguei a
 casa para o jantar. Cança-
 do e sequioso procurei al-
 guma cousa com que miti-
 gar a sede. A procura não
 foi em vão. Agradavel sur-
 presa reservára me alguém.

Enormes e odorosas la-
 ranjas se ostentavam á mi-
 nha vista. Indaguei a ori-
 gem. Ninguém m'a soube
 dar. Era um presente des-
 tinado a minha pobre pes-
 soa. Curioso, procurei en-
 contrar algo que denun-
 ciasse a origem da oferta.
 Também essa procura não
 foi em vão. Um minuscúlo
 cartão branco, preso a u-

ma das laranjas continha
 uma inscrição. Pressuroso,
 procurei me inteirar de on-
 de partia tão gentil offe-
 renda. Oh! que decepção!
 O cartõesinho continha
 tão somente isto:



Pensei na misteriosa of-
 fertante e tive um pensa-
 mento lindo para a formo-
 sa rainha da terra onde
 esplendem as taças verdes
 dos pinheiraes.

Silhuetas femininas... Con-
 juncto de graça e eucanto...
 São creaturas assim que em-
 prestam vida e alegria as nos-
 sas ruas.

Achei poesia nesse car-
 tõesinho e... saborei as
 laranjas a pensar nessa
Didi, que tanto tem de gen-
 til, como de mysteriosa e
 que tão bem sabe agra-
 dar.

E sentindo na bocca a
 doçura da deliciosa fructa
 brasileira, eu senti no co-
 ração o amargor de não
 conhecer essa *Didi*, cujas
 mãos amigas tiveram para
 commigo gesto tão gentil.

Externo daqui meus agra-
 decimentos, na certeza de
 que amanhã, a minha admi-
 radora se denunciara. não
 mandando laranjas nova-
 mente, mas trazendo, pes-
 soalmente, uma laranja, uma
 "laranja da Didi" ao

Miro



Sultana e os GAROTOS

Leandro Gomez

D'A Guerra do Flores
 Gustavo Barroso (João do Norte)

«Não me pegue nos babados
 de Yayá, Balabadú!

O Voluntario da Patria ven-
 ceu em Paisandú.»

(Samba bahian) colhido pelo Sr. João
 da Silva Campos)

le o celebrado 1.º regimen-
 to de artilharia a cavallo,
 o «Boi de Botas», sob as
 ordens de Mallet. E os seus
 guardas nacionaes e volun-
 tarios eram bisonhos, po-
 rém valentes.

A victoria caberia ao ge-
 neral que primeiro alcan-
 çasse Paisandú, ou para
 leval-a de assalto, ou para
 libertal-a.

Então, Fiôres, que auxi-

Paisandú estava cercada
 por terra e bloqueada pelo
 rio. Os navios de Taman-
 daré despejavam sobre seus
 baluartes mortíferas grana-
 das. Os marinheiros e in-
 fantes desembarcados, ao
 principio, com Tibureio, Gui-
 marães Peixoto, e Mariz e
 Barros, os gaúchos do ge-
 neral Netto, vindos depois,
 não davam descanso aos
 defensores das trincheiras
 uruguaias.

O governo de Montevi-
 déo deliberára socorrer a
 praça investida e ordená-
 ra a João Saa, o famige-
 rado general Lança Sêcca,
 que marchasse do Rio Ne-
 gro, onde se achava, com
 seus dois mil homens e de-
 bandasse os sitiantes. Mais
 ou menos ao mesmo tempo,
 João Propício Menna Bar-
 reto trazia do Rio Grande,
 através da Banda Oriental,
 um exercito organizado ás
 pressas e com pouco arma-
 mento, mas cujas brigadas
 de infantaria eram comman-
 dadas por Antonio Sam-
 paio e Carlos Resin, e a
 de cavallaria por Manoel
 Luis Osorio. Vinha com el-



Os pequenos Chiquinho e Dirceu, filhinhos do nosso apre-
 ciado collaborador snr. Francisco Pessolano, poeta emotivo,
 n'uma «pose» especial para «Sultana»



Os interessante fihinhos do Pharmaceutico João Baptista Curado

liava o cerco, levantou acampamento com o seu Exercito Libertador e, acompanhado dos voluntarios brasileiros de Bonifacio Machado, dos gaúchos de Netto e da força de desembarque do major José Antonio Corrêa da Camara, futuro visconde de Pelotas, marchou ao encontro do Lança Secca.

Aproveitando o levantamento provisorio do sitio, Leandro Gomez, o chefe *blanco* que commandava a praça, mandou incendiar os ranchos de palha abandonados pelo inimigo e, querendo dar a isso uns ares de victoria, offereceu um baile aos commandantes de alguns navios estrangeiros surtos no porto.

A fachada da residencia do coronel uruguaio foi iluminada com pequenas lampadas e ornamentada

com bandeiras de todas as nações. Uma banda de musica tocava á porta e havia uma multidão de curiosos em frente. Os convidados eram recebidos á entrada pelos majores Azambuja e Lucas Piriz, immediatos do cáudilho, que os introduziam no salão de honra. Ornavam tambem as paredes bandeiras de todos os paizes e servia de capacho, logo á entrada, uma bandeira do Brasil.

Os officiaes americanos, franceses, espanhoes e argentinos, que foram os primeiros a chegar, viram aquillo, entreolharam-se e, sem dizer uma palavra, evitaram pisar no symbolo imperial. Mas o commandante ingles, que entrou por ultimo, velho lobo do mar criado no culto do dever e da honra militar, teve-se entre os humbraes,

franzio as sombrancêlhas espessas e perguntou asperamente, a Leandro Gomez, que se adeantava para recebê-lo:

— Quem é o autor desta covardia? Voltarei para bordo do meu navio, si essa bandeira não fôr tirada dahi.

O coronel uruguaio declarou com fingida surpresa:

— Deve ter sido descuido de algum criado ao ornamentar o salão...

O commandante inglês abaixou-se, apanhou a bandeira imperial, dobrou-a com todo o cuidado e collocou-a sobre uma cadeira.

Dias mais tarde, tendo Lança Secca fugido vergonhosamente deante de Netto e de Flores, o cerco de Paisandú era estabelecido e os canhões de Tamandaré de novo cuspiam balas

sobre as suas fortificações. Emfim, a 29 de dezembro, appareciam as lanças e as baionetas de João Propicio no viso das collinas proximas.

No dia de Anno-Bom, uma bandeirola branca tremulou, saudada pelos clarins, sobre respaldo duma obra avançada. Leandro Gomez pedia uma tregua de oito horas, para recolher feridos e enterrar mortos. Ao coronel Saldãna, seu prisioneiro, que servio de parlamentar, os chefes aliados responderam que antes desse prazo seriam senhores de Paisandú. Si quizesse, que se rendesse á discrepção.

Pela madrugada, a esquadra e as baterias volantes abriram fogo contra a cidade. Depois de cinco horas de violento bombardeio ás nove horas da manhã, do quartel-general de Menna Barreto, partio o signal de ataque, que, estridentemente, sinistramente, todas as cornetas e todos os clarins do Exercito repetiram. E, ao rufar dos tambores, sob as auri-verdes bandeiras desfaldadas, de baionetas alumando, a infantaria brasileira avançou a marche-marche contra as brechas abertas nas cortinas e redentes.

Mortos a arma branca os defensores dos entrincheiramentos, transpostos fôssos e abatizes, nuvens de fumo cegaram os soldados e de cada casa, transformada ou em fortaleza, partia nutrido e perigoso fogo. O cavallo de Resin rolou morte e o cavalleiro, ferido, foi levado para a

retaguarda. Dissolvêram-se as formaturas e os soldados caminhavam agachados, cosidos ás paredes, até chegarem ás portas e janelas das habitações, que escancaravam a coice de arma. E dentro de cada uma dellas, na obscuridade, travavam-se horrendos duellos corpo a corpo.

Corriam fios de sangue pelas sargêtas.

Vendo-se perdido, Leandro Gomez raspou a barba toda e vestio um uniforme de official do exercito de Venancio Flôres. Ia fugir, assim disfarçado. Mas uma companhia de voluntarios brasileiros cercaram a casa. Alguns soldados nella penetraram, depois de matar as ordenanças que a defendiam. E o chefe *blanco* foi feito prisioneiro.

Entre as baionetas duma

escolta, coberto com a farda inimiga, o rosto liso, abatido e humilhado, o commandante de Paisandú atravessou as ruas ensanguentadas e em desordem, passou os entrincheiramentos e chegou ao quartel-general brasileiro, onde o apresentaram ao tenente coronel André Alves de Oliveira Bello. Achavam-se alli outros officiaes brasileiros e uruguaioes de Flôres.

Leandro Gomez olhou os um por um e, depois, disse bruscamente:

— Não quero ser prisioneiro de estrangeiros cruéis e desleaes. Si me permittem, prefiro constituir-me prisioneiro dos meus irmãos uruguaioes.

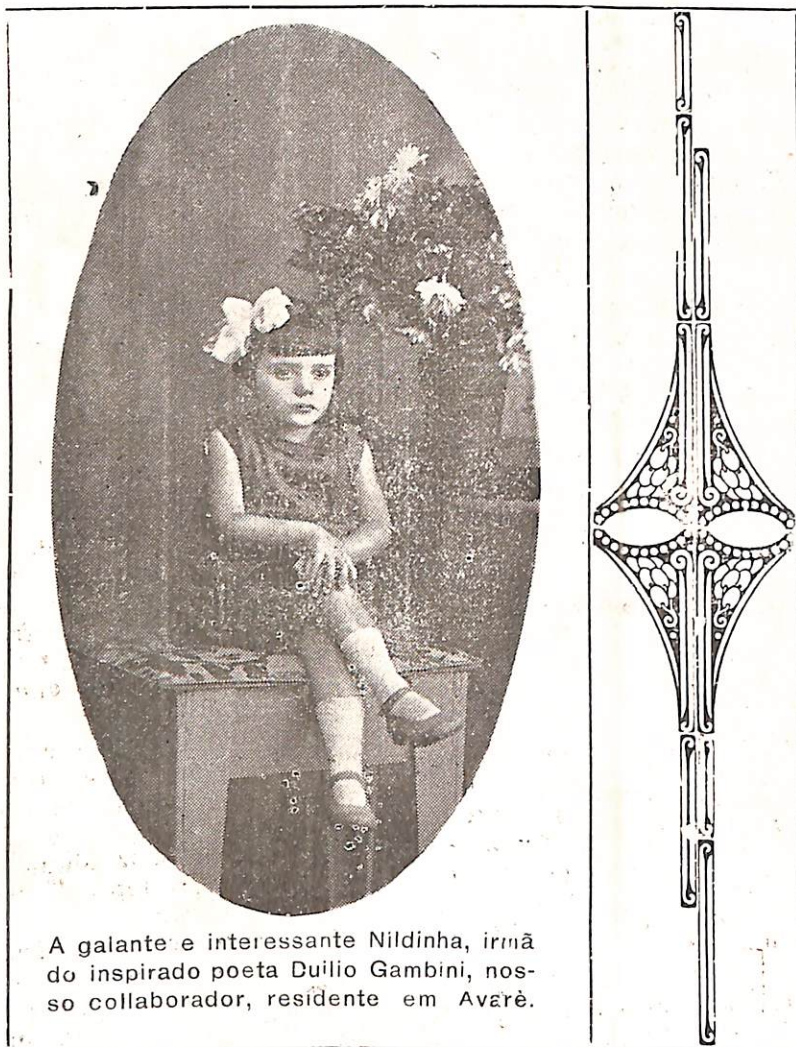
— Quer ceder-m'o? indagou logo, com um sorriso indefinivel, o coronel oriental Goyo Suarez ao tenente-coronel Bello.

E este, cavalheirescamente:

-- Apesar de não ter o prisioneiro direito de escolha, pois foi agarrado, antes de fugir, pelos nossos soldados, estou tão certo que o general Menna Barreto não faria questão de conservá-lo, que encarrego V. S. de levá-lo ao general Flôres.

Goyo Suarez montou a cavallo, fez dar ao preso a montaria dum lanceiro e partiu entre as lanças do seu piquete.

Caminharam algum tempo, calados. Depois, Leandro Gomez falou do odio ao estrangeiro e do esquecimento das rivalidades politicas entre os filhos duma mesma patria. O outro na-



A galante e interessante Nildinha, irmã do inspirado poeta Duilio Gambini, nosso collaborador, residente em Avaré.

da respondeu.

Por traz do parapeito duma trincheira deserta, Goyo Suarez mandou de repente fazer alto. Os cavallos bufaram, batendo duramente no sólo humido com as patas ferradas ou sacudindo rumorosamente os freios.

Apeie-se para morrer! disse elle a Leandro Gomez.

Então, o commandante de Paisandú compreendeu o seu erro; mas era tarde e de nada serviriam protestos. Olhou em volta. Ao longe, a bandeira imperial, que elle procurára ultrajar e cuja sombra protectora repellira, fluctuava sobre as torres da matriz da ci-

dade esburacadas pela artilharia. Suas côres festivas no azul do céu acenavam-lhe distante o ultimo adeus da vida.

O chefe blanco cerrou os labios e aceitou o seu destino com dignidade. Perfilou-se e cruzou os braços sobre o largo peito.

Um dos gaúchos apeouse, encostou a lança á trincheira, puxou-lhe violentamente os braços para as costas e amarrou-os com uma tira couro. Rasgou-lhe a gola da farda e a camisa, pondo a descoberto o pescoço taurino e brunido pelo sol. Quiz vendalhe os olhos com o lenço, porém elle recusou com um aceno de cabeça. Er-

gueu, então, o *cuchillo* acerado. A lamina brilhou rapidamente no ar e enterrou-se no pescoço do condemnado com um ranger surdo arrepiante. Um esguicho rubro ensopou o chão á distancia de um metro. Leandro Gomez deu alguns passos tropeços, disparatados, e caído, contorcendo-se, sobre a terra que o vira nascer. (1)

(1)... Leandro Gomez, Azambuja e mais outro famigerado caudilho que os vi estendidos em grupos, degolados (sic), diziam por gente do General Flores...

(J. L. Rodrigues da Silva — Recordações da Campanha do Paraguay — pg. 15)

NA SEPULTURA DE MEU PAE ::

Foi n'uma manhã de Junho, quando o velho sol surgia no horizonte, illuminando dubiamente a matta, que tu partiste, que te foste embora. A passadeira cantava por entre os jasmineiros em flor. Entre os cyrios lacrimejantes, e pallidas flores que adornavam a tua fronte fria, tu repousavas, com o semblante risonho, as palpebras semi-cerradas e as mãos brancas cruzadas sobre o peito. Tu dormias, como que emballado nas azas de um sonho bom. Hoje, debalde procuro no céu um vestigio teu.

Debalde anciarei pelos teus carinhos; jamais sentirei o doce effluvio do teu olhar, desses teus olhos tão azues, que me fitavam tão docemente traduzindo amor. Echoam ainda em minha alma, como as notas tristes de um psalmo as tuas palavras de despedida.

Nas horas silenciosas e escuras da noite, quando triste e solitario, quedo-me a recordar os dias felizes e

COBRANÇA

Estamos procedendo a cobrança do segundo trimestre do corrente anno. Como de costume, ella está a cargo do sr. Julio de Barros, nosso activo procurador. Pedimos aos nossos assignantes a gentileza de o attender com a habitual boa vontade.

Outrosim, pedimos aos Srs. assignantes de fóra, a gentileza de mandarem saldar seus debitos.

Esperamos que todos correspondam ao nosso apello vindo ao encontro dos nossos desejos.



Conferencias

Conforme comunicação que nos foi feita pelo interessado, o brilhante homem de letras, Dr. Carlos Cavaco, festejado poeta e jornalista, realisarà no proximo mez, em dia ainda não determinado, duas conferencias nesta cidade, abordando os seguintes themas: «A anedocta e a mentira» e «Poesia gaucha».

Dado o valor intellectual do conferencista, é de se esperar que essas conferencias se revisitam de grande brilho.

despreoccupados de minha infancia sinto como que uma visão appproximar-se de mim e uma voz meiga, murmurar aos meus ouvidos as bellezas do reino de Deus, as alegrias do Alem. E tenho a intuição de que essa visão és tu, meu pae!

Adoravel pae! Deixaste os primores da vida, quando ella te sorria mais bella! Inesquecivel pae! Partiste e deixaste meu coração immerso em infinda e dorida saudade; uma saudade atroz que se desfaz em prantos.

Habitas hoje a triste ci-

dade dos que se foram desta vida. No silencio da neropole, na frialdade do tumulo, repousa o teu corpo.

E não ouves dahi o solucar sentido de pessoas que aqui fora curtem doloridas e amargas recordações, de um passado morto.

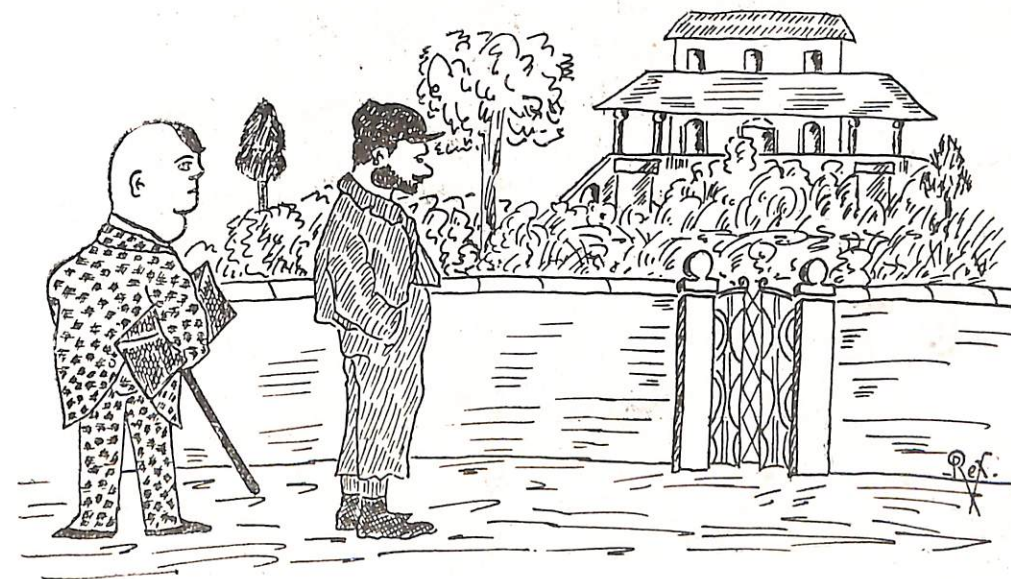
Adeus, meu pae! A tua alma repousa agora no reino de Deus e teu corpo n'uma sepultura fria e escura. Não mais nos veremos! Adeus! Meu pae!

AUGUSTO MOURA

A GATUNAGEM

A policia prendeu a dias o inofensivo Benedicto de Paula "o Dicto Elephante" e enquanto isso os gatunos operam.

Dos jornaes



O PAPUDO (monologando) — Prendem uma pobre e inofensiva creatura, a quem o povo estima e deixam a solta, mendigos e vagabundos que vieram não se sabe d'onde.

O progresso alavanca da prosperidade!

O Tempo caminha; e com elle avança o progresso, desvendando novos horizontes, abrindo novas fronteiras, criando no espirito irrequieto do Homem novas ambições; novos desejos e novas necessidades.

E assim, a vida de hoje é sempre differente da vida de hontem. O que era bom é hoje absoluta-

O meio em que trabalhava, o ambiente que o envolvia, os instrumentos que usava eram elementos secundarios que o cliente não conhecia, porque não o preocupavam as exigencias hygienicas que são hoje uma necessidade absoluta para o cliente moderno.

Mas para o dentista da época

que a utilidade se junta com a belleza, e a belleza com os cuidados da Hygiene.

(Do Brasil Odontologico)

Transcrevemos este trecho, pois que elle diz bem da impressão que recebemos, após uma visita que fizemos ao consultorio dentario do sr. Renato Carderelli á rua Barão de Jun-diahy, 111.

Installado com todo rigor



mente inutil. O que era hontem maravilha, é hoje vulgaridade despresivel. E o que era hontem um passo para a frente, é hoje um passo em recuo.

Nas sciencias, nas artes e nos officios, é sempre o mesmo phenomeno. *Progreder é tudo. Progreder é vencer.*

Para o dentista de hontem a base do successo era a sympathia pessoal, a franqueza do trato e a capacidade de acção.

moderna já não bastam aquelles predicaos. Psychologo, senhor das necessidades da sua época e das exigencias dos seus clientes, já o dentista brasileiro se vae identificando com o meio em que vive e procurando trazer para o seu consultorio o factor principal da prosperidade que ambiciona.

E por isso, já em grande parte dos melhores gabinetes dentarios se vêem installações perfeitas, em

da technica e as exigencias da hygiene moderna, com excellente apparellamento electrico de esterilização, tudo exposto com muito gosto e commodidade.

O cliché reproduz uma parte desse bello consultorio dentario.

Paysagens de minha terra

— EMERGENCIAS —

IV

QUADROS FUTRICISTAS

Em 2 quadros e apothose

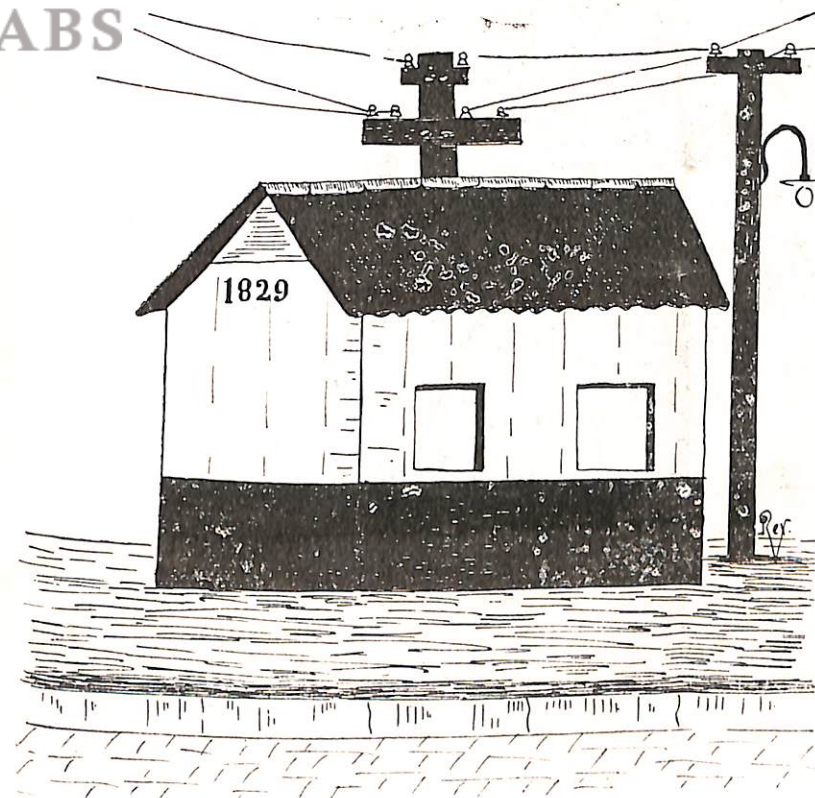
1.º quadro.

Salve tú ó emergenciano açougue! Em tua veneranda idade, incolume, contemplas satisfeito, o progresso que caminha ao teu lado a passos de quaty! Postado na lagôa Ruy Barbosa, ao lado da saparia, vês chegar o teu primeiro centenário. Salve! Salve! Mil vezes salve! Mil vezes «salvada» seja tua rica e preciosa existencia. Os filhos desta Rio dos Bagres te sauda, pela vóz débil do mais humilde dos teus filhos, (não apoiado, não apoiado) que assim deposita aos teus pés esse ra-

malhete de flores, como imorredoura recordação de tão auspiciosa data! (bis, bis, bis).

E tú, (perto de salto) bem o vejo, sente-se de véras commovido ante o phraseado bello deste que hoje, em nome da collectividade bagrenta, (muito bem), do topo deste paralelepipedo abre as cataractas da sua imaginação para despejar aos teus pés, o sentir da saparia (muito bem e muito bem). Quizéra ser um vate, como por exemplo, o grande To Sem Karnisa, (isso não apoiado, o orador é melhor que elle) ... para commemo-

rar em poema épico essa phase brilhante, essa etapa sublime do teu viver!... Quizéra ser um escriptor de nomeada, (isso é «mo-lestia» do orador), como por exemplo, o muito digno Vu Chang Li, para encher 30 mil kilometros de tiras de papel, consagrados aos teus bastos, honrados, e centenários dias! (bis, bis). Tua existencia para nós, papudos, (virgula, nós é conversa) é motivo de justa alegria (muito bem), e bem por isso esse bondoso povo de quem tenho a honra de ser o interprete nesta «bagunça», no dia em que completas «txento anni», te envia um amplexo, desejando ao illustre «mon-drongo monstrengo» que esta data se repita por muitos millenios d'annos para honra e gloria dos que passam e contemplam respeitosos tuas venerandas cans. (Neste ponto o orador foi «barbaramente» cumprimentado e o homenageado, tremia de emoção). Assim pois termino «no fim final», dando por desobrigada a missão que este povo d'aquem e d'alem rio Guapéva me confiou, e, tú ó emergenciano amigo, ao transpores os degraus de uma nova existencia, tomes cuidado para que na tua velhiche algum desastrado não te corra rasteira e não te «pinche» de costa ou não te dê algum banho de gasolina e depois tenha o mau gosto de riscar um «phosque»! (isso é verdade!) vejo que chóras de



O emergenciano açougue na época de sua construcção

emoção! (não é verso mas infelizmente é... mentira). Talvez o arroubo destas palavras, o expressar singelo, mas franco, deste bagrinho humilde (não apoiado) o commoveu!

Paciencia «my dear fellow» emergenciano. Quando confiam-me tarefas desta natureza, eu sigo duas directrizes, — ou faço chôr-rar ou faço rir — As vezes, ambas ao mesmo tempo Adeus, valente «monstrengo». Termino aqui o sentir da «braba» gente, (bis e apoiado) porem, antes de descer do pedestal em que óro, devo prevenir das gasolinas e dos «phosques». E' um conselho amigável de amizade amiga que te dou! Fuja sempre destes 2 rancorosos inimigos! (muito bem, bem).

Tenho «dizido».

(Palmas, tapas, cacetadas, coices, facadas e «tiradas») Nota do reporter: — «O orador com custo desceu do paralelepipedo adrede preparado e dirigiu-se ao encontro do anniversariante ancião, que o abraçou muito commovido. Percebia-se que o rijo veterano estava sinceramente commovido tanto é verdade que experimentou deitar fallação, para agradecer, mas sua voz foi immediatamente «embarcada». Ambos choraram. A multidão que se comprimia em derredor da lagôa, prorompeu em estrondosa bateria de palmas. O orador que tão bem soube desempenhar o papel da saparia foi alvo designificativa homenagem. Ao «champinga» elle usou novamente da palavra, danão por terminada a brilhante manifestação de justo reconhecimento ao velho Açogue de Emergencia,

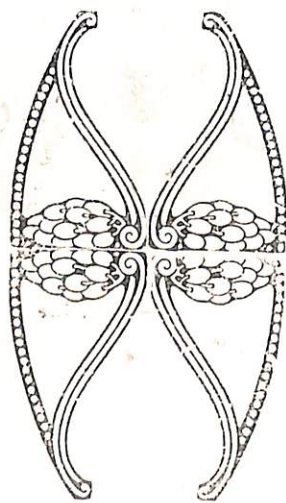


no seu primeiro centenario.

Na lagôa os primeiros sapos começavam a coaxar... Entardecia.

2º quadro

Seculo XX. O seculo dos automoveis, dos carrinhos de mão, dos aeroplanos, do «mamãe me leva e não trazem mais», das tapeações «sui geniris» marca revistalmente fallando — debuchos —, dos «rulogics» aquáticos e outras «cositas más» que não «inflõe»



e nem «contriboe». Laite Pover & Cia Sem Filho Automatico Telephones (leite do «povre» que a Companhia, tira, sem ser preciso o filho, automaticamente a 30\$000 por ligação), etc. e tal pontinhos nos ii...

Chóve. «Ouvo» chaver. Ao longe, muito ao longe, longinquamente, ribomba o trovão. Gróssa «pancadão» passa. Corre um frenesi freneticamente á Marinetti, fremido de frigido calor nas veias estuantes, esionteadas de tanta frescura. O pluviometro sóbe e desce; começa a pingar. No ar zig-zagueiam os coriscos ariscos de medo do «pancadão» que se aproxima. Alli, lá dentro, na rua, em todo o lugar, começa a treva a querer ficar preta. Então vou indo «embainhado» em doce enlevo. Caminho. E vou indo automaticamente á moda dos telephones. Páro. Entrepáro. Escuto é ninguém «m'ove». Mudo dois passos. Depois mais dois. Quero voltar. Vólto. Revólto. Dois passos á rectaguarda. Nada! Não tenho animo. Olho minhas pernas. Tremem qual verde taquaral, açoi-tadas, por vendaval (batuta esta tirada, não?). Um calor gélido de alta calorria perpassa subtil e sóbe e desce dos pés ás cabeças e das cabeças aos pédaes. Avançar? Vá elle? Cadê «paúra», pra semelhante isto? Enfim vou avançar. Nisto passa a tempestade. O sól espicha seu baita pescoço na terra, e, aos poucos vai jogando, assim, como quem joga pá-la ás costas, os seus raios doirados de uma doiradeza de doiracão, tão doloridas, com coloridos, tão coloridos, que não ha o gente ó não, não «exéste» discipulo de Pedro Americo que tenha a coragem de pintar essas cores assim tão

emergencialmente fallando. E seria inutil porque morreria louco de loucura!

Vi o Sól. Riu-se das minhas atrapalhações. Envergonhei-me e animei-me. O «pancadão» passou de vez. O sól, neste momento se entusiasmou tambem, e foi a pino. Larguei em um canto a coragem e entrei d'entrada no vasto pateo. Alvos lençoes tremulavam, empanavam-se galhardamente acariciados pela briza leve e sussurrante que passava. Um delles gemia: Não, não me leves para a lagoa. Fui lavado a pouco! E a brisa sonora e fria enrolava o lençol que gritava, tonto de terror: «Ara me largue, Collaca.» Fiquei triste ante esse espectáculo inedito, esse quadro pungente de dor. Então olhei para o centenario Açogue de Emergencia e elle todo envergonhado, rindo um riso amarel-

lo me «coxilou» nas orelhas: — «Que hei de fazer? Quizeram que eu virasse lavanderia publica!!?... E dizendo isto quedou-se mudo e taciturno. O «pancadão» entrou n'elle e o pancadinha brincava despreoccupadamente com os ligeiros «guarús», que vinham pegar em suas «picheladas» mãos as faiscas dos «pãos». Um cheiro cheiroso echou no espaço. Era o torresmo que fumegava na caçaróla. Bichano que esaiava o movimento de cima do telheiro, sentindo o cheiro das comidas, desceu lépido e encostando-se num tijollo, mugiu e arrulou:

— Miseria, miseria, miseria, mi...sé...ri...a.

Pobre ilvasão no Emergenciano! Não respeitaram nem siquer suas cans venerandas! Devéras que sahi «burrecido» d'alli. Con-

versava com meus «botoiras» e um d'elles me disse:

— Vamos «pinchá» gasolina?

— Não. E' muita judiação queimar assim esse que futuramente nos vai dar «sodade»!...

— Bamo?

— Num bamo!

— Bamo?

— Bamo.

— Cadê o «phosphe»

— Taqui!

— Risque.

— Num risco!

— Ih! que tentação, bamo riscá elle?

— Risco?

— Num risque?

— Então risque!...

(Grossas nuvens de fumo se evolvam pelo ar. A praça toda «esfumaciou» Era noite de S. João. No quartel D'Abrantes «traqueavam» oficialmente.



— Quizeram que eu virasse lavanderia publica!!?...!

emoção! (não é verso mas infelizmente é... mentira). Talvez o arroubo destas palavras, o expressar singelo, mas franco, deste bagrinho humilde (não apoiado) o commoveu!

Paciencia «my dear fellow» emergenciano. Quando confiam-me tarefas desta natureza, eu sigo duas directrizes, — ou faço chôr-rar ou faço rir — As vezes, ambas ao mesmo tempo Adeus, valente «monstrengo». Termino aqui o sentir da «braba» gente, (bis e apoiado) porem, antes de descer do pedestal em que óro, devo prevenir das gasolinas e dos «phosques». E' um conselho amigavel de amizade amiga que te dou! Fuja sempre destes 2 rancorosos inimigos! (muito bem, bem).

Tenho «dizido».

(Palmas, tapas, cacetadas, coices, facadas e «tiradas») Nota do reporter: — «O orador com custo desceu do paralelepipedo adrede preparado e dirigiu-se ao encontro do anniversarian-te ancião, que o abraçou muito commovido. Percebia-se que o rijo veterano estava sinceramente commovido tanto é verdade que experimentou deitar fallação, para agradecer, mas sua voz foi immediatamente «embarcada». Ambos choraram. A multidão que se comprimia em derredor da lagôa, prorompeu em estrondosa bateria de palmas. O orador que tão bem soube desempenhar o papel da saparia foi alvo de significativa homenagem. Ao «champinga» elle usou novamente da palavra, danção por terminada a brilhante manifestação de justo reconhecimento ao velho Açogue de Emergencia,

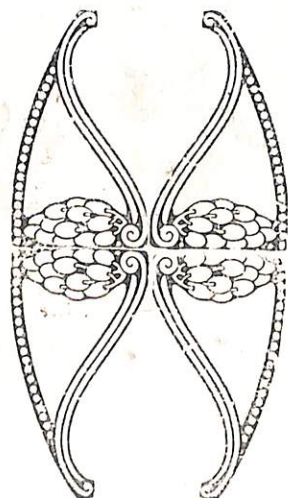


no seu primeiro centenario.

Na lagôa os primeiros sapos começavam a coaxar... Entardecia.

2 o quadro

Seculo XX. O seculo dos automoveis, dos carrinhos de mão, dos aeroplanos, do «mamãe me leva e não trazem mais», das tapeações «sui geniris» marca revistalmente fallando — debuchos —, dos «rulogics» aquáticos e outras «cositas más» que não «inflõe»



e nem «contriboe». Leite Pover & Cia Sem Filho Automatico Telephones (leite do «povre» que a Companhia, tira, sem ser preciso o filho, automaticamente a 30\$000 por ligação), etc. e tal pontinhos nos ii...

Chôve. «Ouvo» chaver. Ao longe, muito ao longe, longinquamente, ribomba o trovão. Grôssa «pancadão» passa. Corre um frenesi freneticamente á Marinetti, fremido de frigido calor nas veias estuantes, estonteadas de tanta frescura. O pluviometro sóbe e desce; começa a pingar. No ar zig-zagueiam os coriscos ariscos de medo do «pancadão» que se aproxima. Alli, lá dentro, na rua, em todo o lugar, começa a treva a querer ficar preta. Então vou indo «embainhado» em doce anlevo. Caminho. E vou indo automaticamente á moda dos telephones. Páro. Entrepáro. Escuto é ninguém «m'ove». Mudo dois passos. Depois mais dois. Quero voltar. Vólto. Revólto. Dois passos á rectaguarda. Nada! Não tenho animo. Olho minhas pernas. Tremem qual verde taquaral, açoi-tadas, por vendaval (batuta esta tirada, não?). Um calor gélido de alta calor-ria perpassa subtil e sóbe e desce dos pés ás cabeças e das cabeças aos pédaes. Avançar? Vá elle? Cadê «paúra», pra semelhante isto? Enfim vou avançar. Nisto passa a tempestade. O sól espicha seu baita pescoço na terra, e, aos poucos vai jogando, assim como quem joga pá-la ás costas, os seus raios doirados de uma doiradeza de doiração, tão doloridas, com coloridos, tão coloridos, que não ha o gente ó não, não «exéste» discipulo de Pedro Americo que tenha a coragem de pintar essas cores assim tão

emergencialmente fallando. E seria inutil porque morreria louco de loucura!

Vi o Sól. Riu-se das minhas atrapalhações. Envergonhei-me e animei-me. O «pancadão» passou de vez. O sól, neste momento se entusiasmou tambem, e foi a pino. Larguei em um canto a coragem e entrei d'entrada no vasto pateo. Alvos lençoes tremulavam, empanavam-se galhardamente acariciados pela briza leve e sussurrante que passava. Um delles gemia: Não, não me leves para a lagoa. Fui lavado a pouco! E a brisa sonora e fria enrolava o lençol que gritava, tonto de terror: «Ara me largue, Collaca.» Fiquei triste ante esse espectáculo inedito, esse quadro pungente de dor. Então olhei para o centenario Açogue de Emergencia e elle todo envergonhado, rindo um riso amarel-

lo me «coxilou» nas orelhas: — «Que hei de fazer? Quizeram que eu virasse lavanderia publica!!?!... E dizendo isto quedou-se mudo e taciturno. O «pancadão» entrou n'elle e o pancadinha brincava despreocupadamente com os ligeiros «guarús», que vinham pegar em suas «picheladas» mãos as faiscas dos «pãos». Um cheiro cheiroso echou no espaço. Era o torresmo que fumegava na caçaróla. Bichano que esaiava o movimento de cima do telheiro, sentindo o cheiro das comidas, desceu lépido e encostando-se num tijollo, mugiu e arrulou:

— Miseria, miseria, miseria, mi...sé...ri...a.

Pobre invasão no Emergenciano! Não respeitaram nem sequer suas cans venerandas! Devêras que sahi «burrecido» d'alli. Con-

versava com meus «botoiras» e um d'elles me disse:

— Vamos «pinchá» gazolina?

— Não. E' muita judiação queimar assim esse que futuramente nos vai dar «sodade»!...

— Bamo?

— Num bamo!

— Bamo?

— Bamo.

— Cadê o «phosphe»

— Taqui!

— Risque.

— Num risco!

— Ih! que tentação, bamo riscá elle?

— Risco?

— Num risque?

— Então risque!...

(Grossas nuvens de fumo se evolvam pelo ar. A praça toda «esfumaciou» Era noite de S. João. No quartel D'Abrantes «traqueavam» oficialmente.



— Quizeram que eu virasse lavanderia publica!!?!...

Pobre açougue de Emergência! Io te saluto.

APOTHEOSE

Supra sumo do sumo supra. Rua Barão. Pleno meio da noite.

— Rataplan, rataplan, plan... rataplan, rataplan, plan...

— Escola! Sentido! Ordinario!... Marche!...

— Um, dois, um dois. Escola! Alto! Prá á...

E a espingardaria luziu no parallelepipedo tirando, faiscas á moda de isqueiro.

— Tá, tá, rá, tá, tará, ó, tará á. Rataplan, rataplan, plan, plan... Escola! Alto! Prá... á...

— Desgraçado pernilongo! Não posso dormir!

E lá fóra:

— Ordinario!... Marche!... Prá á...

Durma-se com um barulho destes.

— Adeus ó emergenciano açougue! Já alquebrado, assim, fazemos votos para te enterrarmos, de vez, se for possível, no teu 2.º centenario!

— Você tem "phosque" ahí?

— Prá que.

— Voce inda pergunta?

— E gasolina?

— Ora! E' o da minina mais pequena da menor importancia.

— Risco ou não risco? Risque.

— Não risque!?

— Risque.

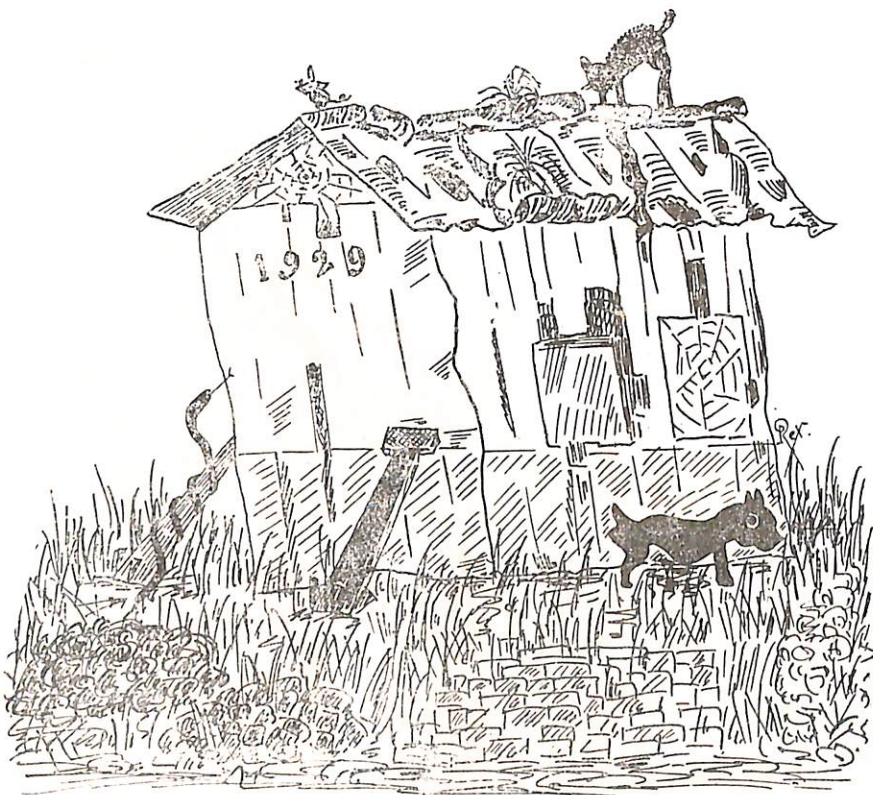
— Não risque!?

Nuvens esverdeadas rolavam no espaço, como grandes manadas de açougues de emergencias.

Tinha terminado a réza.

Tcháu prá vassunceis.

Mary Netti



O Emergenciano açougue no seu 1.º centenario



Ha muito que busco a felicidade. Mas, ella sempre esquivava porfia em fugir de mim. Busquei-a sempre em vão. Quando sentia tel-a ao alcance das mãos, ella, terrivelmente madrastra, evolava-se...

Fui sempre enganado pela felicidade. Vã miragem a illudir os olhos de minha alma. Sonho que até agora não se tornou realidade.

Procurei um sabio:

— Onde encontrarei a felicidade?

— Na sciencia.

Estudei. Aprofundei-me na leitura de velhos alfarabios e de novos compendios de sabedoria. Esquadrinhei estantes, vasculhei velhas livrarias, a procura de um manual que me ensinasse a ser feliz. Aprofundei-me na historia das religões. Após tanta leitura, senti o cerebro num caos e a descrença no coração.

Na sciencia, não encontrei a felicidade!...

Dominado sempre pela idea fixa que me torturava me proporcionava maus momentos e soffrimentos infindos, procurei um mysanthropo e indaguei:

— Onde encontrarei a felicidade?

— No silencio do teu viver.

Recolhi-me commigo proprio. Afastei-me do mundo. Abandonei os prazeres mundanos. Atirei para longe os livros e procurei afastar para longe do meu pensamento todas as ideas bebidas nos livros. Comecei a amar a solidão.

Comecei a me sentir tão só, tão abandonado, que me arrependi de ter trilhado essa senda escura que me levaria a loucura. Quem se sente só e abandonado não pode ser feliz. Não pode ser feliz quem é tão retrahido.

No silencio do meu viver, não encontrei a felicidade!...

Como é difficil encontrar a felicidade. Meu coração começava a se sentir cansado e os primeiros cabelos brancos começavam a surgir na minha cabeça. Com os annos vem a experiencia da vida e talvez eu ainda seja feliz. Mas como a felicidade tão almejada começava a tardar, procurei um philosopho e perguntei-lhe:

— Onde encontrarei a felicidade?

— Na morte. (E riu-se)

Comecei a pensar na morte. Sim! O philosopho tinha razão. Morrendo se é feliz. Pensei na morte com alegria no começo e com tristeza no fim. Eu ainda era moço, muito embora a neve já começasse a branquear meus cabelos. Não! Ainda era muito cedo para pensar na morte. Procuremos mais um pouco a felicidade.

Na morte, não encontrarei a felicidade!...

Quem cedo se desillude não pode ser feliz. E eu estava quasi desilludido. Já começava a desanimar de procurar a felicidade. Porque buscar improficuamente, quem porfia em se afastar de mim? Mas... ainda não estava de todo desilludido e tentei um novo efforço. Procurei um joven, tão joven, que mal se lhe despontava no labio o buço. E... o quasi velho perguntou ao joven:

— Onde encontrarei a felicidade?

— No amor.

Senti no meu cerebro rasgar-se novos horizontes. A vida apresentou para mim novos aspectos. Senti mais alegria e mais vivacidade em tudo o que me rodeava. Oh! Agora sim! Eu vou ser feliz! E comecei a amar. Mas... eterna ironia do destino: a mulher a quem dediquei o meu amor era indigna d'elle, e eu soffoquei no coração todo o affecto nelle desabrochado.

Descrente, inteiramente descrente, eu seguia pela vida, sem rumo, nem meta. Qualquer caminho me servia.

No amor, não encontrei a felicidade.

Passaram-se tempos. O desejo de encontrar a felicidade era morto no meu coração. Vivia por viver. Era um automato, sem creança, sem ideal e sem nada. Sahi um dia a passear pelos campos. Achei-o triste. Voltei para a cidade. O acaso collocou-me dearte de um lindo palmar de cara, onde dois olhos vivazes brilhavam prenhes de alegria. Parecia a propria felicidade. O meu desejo antigo reanimou-se em meu coração. Pressuroso indaguei da linda creatura:

— Onde encontrarei a felicidade?

— Em parte nenhuma. Não a encontra aquelle que a busca.

Não mais busquei a felicidade. Procurei esquecer esse sonho mau, que durante alguns annos viveu em meu coração.

Não encontra a felicidade aquelle que a busca!...

Feliz aquelle que não busca a felicidade!...

Não mais busco a felicidade e no entretanto... sou feliz...

Jundiahy-Julho de 29

Alvaro Tristonho



ILLUSÕES ...

Illusões... que habitam a alma de uma donzela, são as flores com que ella adorna a ara dos seus sonhos innocentes.

Illusões... que morrem no coração de um ancião são as despedidas finaes dos desenganos a que o mundo o sugueitou.

Illusões... que afloram no coração de uma creança, são as ridentes promessas de dias felizes amanhã, mas promessas que nem sempre se realisam.



Ilusões . . . que se esborôam lentamente n'alma de um sonhador, são as provas conviccentes de que nada adianta o sonho ante a realidade da vida.

Ilusões . . . que viveram no coração de um medico, provam concludentemente que nada vale a sciencia ante o poder da morte.

Ilusões . . . que adormeceram no coração de uma monja, definem bem o estado do seu espirito, onde só vive uma imagem — Deus.

Ilusões . . . que perennemente vivem no coração de um optimista, robustecem a crença de que tudo neste mundo tem um lado bom

Ilusões . . . que morreram no peito de um desiludido são as flores que feneceram ao calor de um sonho nunca realizado.

Ilusões . . . que vibram no peito de uma moça é a consubstanciação do mais bem acalentado ideal de todas as mulheres.

Ilusões . . . que habitam o coração de um poeta são os mananciaes onde elle vae beber a inspiração precisa para a criação dos seus poemas.

Ilusões . . . que se anigam em meu coração, são como que a certeza de que encontrei agora um bem que de ha muito procurava em vão.

Marcus Vinicius

Chicote Verbal . . .

(Aos dois e mais alguns)

De que vale lutar quando o inimigo
E' um soldado vencido sem batalha?
De que vale enfrentar esse canalha
Que chora e treme e implora ante o perigo?

Não sei lutar com quem procura abrigo
Para fugir é sanha da metralha...
Antes deixar essa existencia falha
Apagar-se na sombra de um jazigo!...

Sem mesmo eu ter, de Napoleão, a espada
Hei de vencer a turba desgraçada
Tão baixa quanto o beijo de Iscariote!

Pois, p'ra vencer quem ama a hypocrisia
E' o bastante lutar com ironia
E fazer das palavras um . . . Chicote!

Avaré, 18-7-29

OSUNA DELGADO

DIANTE DE UM BOUQUET DE MALVAS

À alguém...

Pobre bouquet outr'ora perfumado,
Cheio de encanto e cheio de pureza,
Hoje ao te ver assim tão desolado,
Percebo quanto é futil a belleza...

Recordo-me de ti todo orvalhado
Numa manhã de luz ao sol accesa...
Aquella despedida com certeza
Deixou-te assim tão pallido e maguado...

Eu, como tú também hoje sou triste
E a minha magua, a minha dôr consiste,
No mesmo mal que tanto te abateu...

E para amenisar esta saudade,
Eu me illudo em sonhar felicidade
E beijo em sonho as mãos que te colheu...

Avaré, Junho, 929

DUILIO GAMBINI

TELAS & FITAS

"O homem que amo", é o titulo de uma pellicula produzida pela Paramount, sob a direcção de W. A. Wellman. A distribuição se compõem de Richard Arlen, Mary Briant, Olga Baclanova, Pat O'Malley, Jack Oakie, Leslie Fenton e outros. O thema se desenvolve num ambiente de arenas pugilisticas e é um dos melhores argumentos no genero. Para os amantes do box, esta pellicula possui muitas e muito interessantes situações, demonstrando que apesar de ser um manjar do qual já andamos enfastiados, se pode servir

com novos condimentos e fazel-o servir uma vez mais, appetitoso. Tudo depende do cosinheiro e do material e neste caso a Paramount nos deu um bom chefe no Director Wellman e uma boa distribuição de artistas conhecidos e apreciados.

"Echos da cidade", é uma cinta produzida pela Cosmopolitan Productions e distribuida pela Metro-Goldwyn-Mayer. O director é Willard Mack e elle mesmo preparou o argumento e representou um dos papeis principaes. Este drama da tela está repleto de situa-



GARY COOPER

ções interessantes e como o nome indica o enredo se desenvolla nos bairros humildes de uma grande metropole, que desde logo é Nova York, assim como também poderia ser Chicago ou Philadelphia. E' um thema velho e usado com fartura, porem, existe neste film muita coisa que é interessante e a direcção é excelente e por conseguinte oferece uma diversão de primeira ordem para os afficionados desta especie de films. A distribuição se compõem de Willard Mack, Robert Amos, Sylvia Fields, John Miljan e outros artistas de cathegoria inferior.

"Em harmonia", é a traducção de uma obra da Paramount, cujo attractivo principal consiste nos protagonistas que são dois jovens artistas muito populares. Nancy Carroll é a estrella de uma companhia de operetas, cujas canções e bailados são a sensação da temporada. Charles Rogers é um empregado de um armazem, que em suas horas de folga organisa e dirige



BILLIE DOVE

uma orchestra de jazz. Nancy o descobre e immediatamente procura uma maneira de ajudá-lo, e consegue collocá-lo no posto de director da orchestra do theatro onde actúa. Este é mais ou menos o argumento da obra e se bem que seja um pouco fraco em varias partes, serve para passar uma noite bem divertida.

Corinne Griffith, estrela da Firs National, va produzir a sua primeira tita falante dentro em pouco. Parece que a sua voz é de tão esplendido efeito na nova modalidade cinematographica, que ella a poz no seguro pela apreciavel somma de \$100.000.

Lon Chaney, acaba de regressar a Hollywood, depois de filmar em Chicago uma pellicula da vida ferroviaria norte americana e que se intitulará «O Trovão».



Durante a filmagem desta obra aprendeu Lon Chaney a ser esplendido conductor de locomotivas, sendo lhe concedido um diploma especial da associação dos maquinistas ferroviarios.

Quasi immediatamente e sob o megaphone de George Hill, o grande e característico actor começará a filmagem de «The Bungle Sound», thema baseado na tragica vida dos membros da Legião Extranjeira franceza em Africa.

Don Alvarado quer trocar de nome. Este não é com effeito o seu proprio nome. Parece que a razão deste seu proceder se prende ao desejo de que não o empreguem nos papeis de galan enamorado, sem que lhe deem a oportunidade de demonstrar as suas qualidades de dramatico. Attribue ao seu nome hespanhol o escolherem-no sempre para desempenhar papeis romanticos. Alvarado é filho de um norte americano e sua mãe é mexicana. Foi educado em Novo Mexico e sempre fallou hespanhol. O inglez elle falla com pronuncia accentuadamente extranjeira.



Pequenas noticias

Dorothy Phillips, trabalhou pela ultima vez em 1927.

Gloria Swanson, acaba de filmar «La Reina Kelly», porem, se affirma que este film não será exhibido.

Ramon Novarro está na Allemanha.

John Gilbert, acaba de casar pela terceira vez.

Olympio Guilherme terminou o seu contracto com a Fox.

Fiteiro



MARY PHILBIN

Quer casar?

Arranje a Noiva que a

Cooperativa do Povo

Salvador Jaroslavsky

Mobiliará sua casa. O mais completo sortimento. Stock de moveis, tapetes e passadeiras.

Os melhores artigos pelos mais baixos preços!

Facilita-se os pagamentos

Rua Barão, 75 e 77 Teleph. 157

Casa Oliveira

Completo sortimento de ferragens, Louças e tintas Cimento, Arame farpado, Telhas de zinco, Formicida superior e Sementes. — Artigos de electricidade em geral. — Seccos e Molhados — Vidros para vidraças —

A. J. Oliveira

Rua B. de Jundiahy. 108

Telephone 89 - JUNDIAHY

Salão Americano

DE

Raphael Ungaro

Rua do Rosario, 65 - Phone. 261

O proprietario, contando com officiaes petitos, faz sciente que está apto para servir ao mais exigente freguez: Serviço feito com hygiene e perfeição.

Attende á domicilio Grande sortimento de perfumarias finas

Annexo, com entrada independente, um bem montado gabinete para senhoras, obedecendo aos seguintes:

Dias de semana 2\$500
Sabbado 3\$000

Casa Dois Irmãos

A MAIS BARATEIRA

Especialidade em moveis de estylo, tapetes, colchões e fazendas. — Completo sortimento de CONGOLEUM «Sello de Ouro», LINOLEUM, passadeiras e tapetes de lã. — Grande sortimento de casacos para senhoras e senhoritas, Fabrica-se sob medidas.

Relogios de parede,

Carrilhões — Dormitorios e Salas de Jantar, artigos finos. — Vendas a dinheiro e facilitamos os pagamentos.

Samuel Bulis



Rua Barão de Jundiahy, 71

Telephone N. 379

A MINA DE KEROZENE

A Alberando Gennari

CONTO

Ofrozindo da Conceição, Nho Flôr, como diziam, havia chegado n'aquella manhã, da Capital, onde estivera, por espaço de oito dias, a tratar de serio e importante negocio. Na vespera desse dia telegraphára a D. Pureza, sua esposa, pedindo coudução, por isso que na hora da chegada do trem, na estação, estava um trolly, cuja parelha de bestas negras, era o seu maior orgulho. Taperá — o cocheiro — com seu inseparavel lenço vermelho ao pescoço, estava muito teso na boléia. Vendo seu patrão approximar-se, com a mão esquerda firma a redea, enquanto que a direita leva a aba do reluzente "chaminé" e faz-lhe respeito cumprimento, o qual é indifferentemente correspondido. Taperá nota aquella indiferença, e, percebendo Nho Flôr, seu amo, um tanto preocupado, lhe indaga solícito:

— Sinhô tá duente? Mór que n'um cunhece mais seu nego véio?

— Toque depressa! foi a resposta.

Duas chicotadas estalaram no ar e dahi a segundos o trolly rodava velóz pela larga estrada, deixan-

do após de sidensas nuvens de pó. Taperá ia intrigado e sosinho monologava: — Que será que cunteceu, gentes!... Sinhô é tão bão e prósa... Quar!... Argúa coisa ruim le acunteceu... Quim sá si argúa mulata feticêra, pinchou n'elle us máo olhado!... Bem eu disse prá Sinhá, que si Si-

nhô fosse pra Capitá, havia de vortá otro differente!... Eu cunheço aquella jóça, aquillo é uma praga pra modificá os home e bem!... Puiz foi lá memo n'um tar "Buraco da Onça" que Taperá se perdeu-se, pru móde aquella borrecida da Bastiana! Eta negra marvada! Me lambeu tudas minhas ecumomia! Si Sinhá adiscunfiá qu'elle tá apaixonado por argúa cabra, de lá, nós temo tempo quente qui num é bão fallá! Já tô veno a mão do pilão!...?

La assim matutando quando viu-se em frente á porteira da fazenda, e, refreando a parelha ligeira, saltou lépido da boléia e abriu a. Tocou de novo e mais alguns passos estavam no meio do pasto. Nho Flôr, fazendo parar o trolly, salta rapido e dá alguns passos apressados para o centro da invernada, e o seu olhar ancioso, divaga por algum tempo pelo horizonte á fora, em procura de qual-

Quem experimentar

PURGATIVO
SALINO
GAZOSO

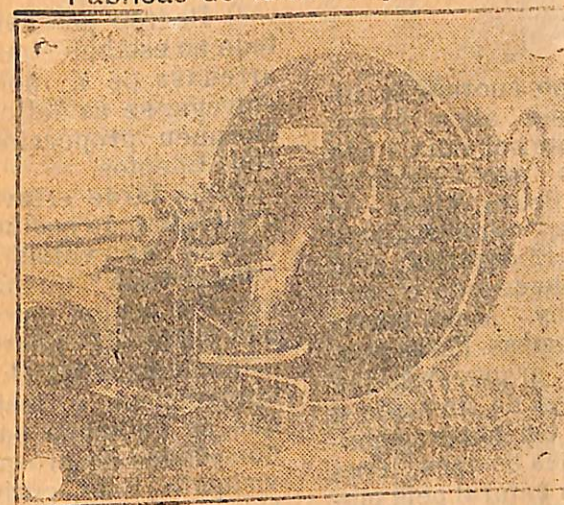
BOM PALADAR
SEM DIETA
EFFECTO PROMPTO

CAJÚ PURGATIVO

Nunca mais usará outro purgante
A' venda em todas
as Pharmacias

A ELECTRO - METALLICA

Fabricas de turbinas hydraulicas



Postes de Ferro para linhas. Tubos de ferro batido

J. KLOVRSÁ, Engenheiro

TELEPHONE, 1-6-3

Rua Barão de Jundiahy, 1 — JUNDIAHY

Est. de S. Paulo

quer cousa. Estava mais que nunca preocupado. A cada passo do seu amo, Taperá acompanhava com o olhar, cheio de curiosidade.

Depois de muito analysar o terreno e cercanias, Nho Flôr, volta-se para tomar assento na viatura. Ia pondo o pé direito no estribo, quando exclama nervoso:

— Diacho! me esqueci de uma cousa!...

E voltando-se outra vez ao ponto onde estivera, enterra a bengala, de finissimo pau marfim, no chão e, levando-a á altura do nariz, cheira-a demoradamente. Taperá pica assombrado e acompanha-o nos seus minimos detalhes, e, de si para si.

— Quár!... Sinhô tá loco

varrido!... Juquery pr'elle!... Donde já se viu cherá bengala?... Nem eu que sô povre fiquei nesse estado quando a marvada da Bastiana me descaderô!... Oie só gentes, o geito d'elle!... E' capaz de querê cherá tudo: gallinha, vacca, cachorro etc. Tá cum mania de cheração!... povre de nha Pureza!... E' argúa doença que pegô na capitã!... Elle que num venha cum doídice pra riba do nego, sinão... sinão...

Vá pros quinto dos inferno, marvado! Crédo cruiz de cedro!...

T'a renégo, mardito!

E Taperá dizendo isto benzia-se dos pés á cabeça, com olho muito arregalado.

Mezes e mezes passaram-se. Na fazenda, o movimento de engenheiros e curiosos era intenso, Taperá, não descansava ha já bem uns vinte domingos, n'um vai vem continuo á estação. Grandes sondas artesianas levantavam-se, aqui e acolá, magestosas, dando a impressão de febricitante centro industrial. O cafésal, com seus vermelhos fructos pendentes, outr'ora caprichosamente tratados, jazia esquecido; a tiririca, no chão, dominava por completo a extensa faixa de terreno, e a unha de gato, num trepar vertiginoso, abraçava trahicoeiramente os galhos soberbos dos imponentes pés de café, que desfalleciam amarelentos, perdendo aquella cor verde tão viva, tão lustrosa, de vigor. Não houve canto que por elle não passasse a sonda perfurante, e, para complemento, uma grande area da fina flôr dos seus cafesaes — a mais productiva — fôra sacrificada.

Scismaram os engenheiros, que no terreno onde estava edificada a séde da fazenda, havia indícios certos de kerozene. Pol-a abaixo foi obra de dois dias. Nho Flôr, acompanhava com interesse as escavações e no dia em que viu sua casa reduzida á montão de terra, percebeu logo, ante seus olhos, a grandiosidade da imminente catástrophe, e desse dia em diante, mudára-se completamente. Longas noites de insônia, longas vigílias o acabrunharam; alimentava-se mal, não fallava a mais ninguém, não ligava a mais nada!... Os engenheiros, perdidas as esperanças, retornaram á Capital. Aquella fazenda outr'ora povoada, hoje não é mais que vasta tapêra abandonada. Só um homem alli ficára, junto do

seu inditoso amo; o velho Taperá. E quando alguém alli aportava, querendo saber o qua era feito de Nhô Flôr, Taperá lacrimoso informava:

— Tá lóco, meu bão si-nhô!... Já não hai meio mais de sará elle!...

— E D. Pureza onde anda, que não se vê mais, Taperá?

— Nem é bão lembrá dessa marvada!... A disgranhuda teve a corage de fugi co aquelle engenheiro sem vergonha, o Dotô Ferrêra...

—o—

Não rara a noite, em que n'aquelle toco casebre, Taperá, era testemunha de scenas horriveis. Nhô Flôr, empunhando enorme vareta de metal, sahia em fraldas de camisa ao terreiro, e, enterrando-a a esmo em qualquer canto, de olhos faiscantes berrava:

— Kerozene!... Kerozene!...

Taperá, contemplava aquelle espectaculo com o coração pungido de dor.

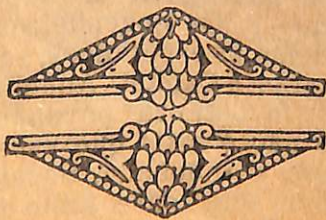
— Que posso fazê Minha Nossa Senhora. Num ai remédio!...

As vezes quedava-se mudo á um canto, até que seu amo, acalmado do delirio, um pouco repousava. Então pacientemente trançando no corpo daquelle infeliz, velho cobertor, terminava:

Ah! kerozene, kerozene!...

Junho de 1929.

Arô.



UMA DO... PEDRÃO

Um corpo enorme a al-bergar uma alma joven, eternamente bohemia, onde a tristeza não encontra guarida. Pedro Alves da Costa ou simplesmente — Pedrão. E' alcunha pela qual o conhece todo o povo de Jundiáhy. Almo, serviçal e attencioso. Essas qualidades grangearam-lhe grande roda de amisade e é querido em todas as nossas camadas sociaes. Possue o dom natural pela pintura e não raro o vemos fixar nas telas vistas e paysagens de nossa terra, e, notadamente as da parte antiga da cidade, Anhangabáhy, Largo de Santa Cruz, etc.

Habilidoso como poucos, tem facilidade em se desvencilhar de qualquer incumbencia que lhe encarreguem: Pintor, Mechanico (especialista em concertar machinas de escrever, sobrando peças) modelador, etc.

E' talvez por essas e outras razões que não conhecemos, que elle resolveu certo dia se estabelecer em Jundiáhy. Pensou e muito, no ramo de negocio a que devia dedicar a sua actividade e após rebuscar algum tempo os escaninhos do cerebro, resolveu tornar-se o homem dos sete instrumentos. Dias depois abria em nossa terra, um estabelecimento unico no genero — « AO FAZ TUDO ».

O titulo da casa indicava o fim a que se destinava. Alli fazia-se de tudo—concertava se bonecas; enca-dernavam-se livros; amansa-

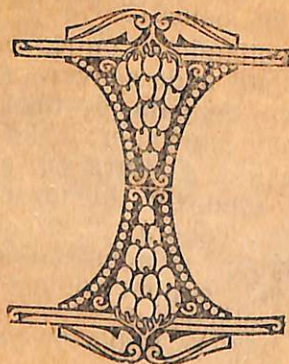
va-se sogras; fabricava-se brinquedos de madeiras e nas horas vagas promovia-luctas entre "Quebra Cóco" e outros celebres luctadores da epocha.

O Pedrão passava o dia todo no estabelecimento. Só arredava pé á noite para entregar-se as delicias que Morpheu proporciona aos seus adeptos.

Certa tarde estava o Pedrão como de costume, atarefado, as voltas com o "fazer tudo" quando chegou um amigo, que ainda não sabia da abertura do estabelecimento. O Pedrão interrompeu o trabalho a que se dedicava para dar dois dedos de prosa com o visitante. Este, curioso, cobriu-o de interpeções. Nós só, conseguimos apanhar o fim da prosa. Mas é talvez o melhor e por isso não sopitamos o desejo de aqui registral-a, talvez contra a vontade do nosso heroe.

O fim é curto. O amigo citado informou-se do movimento financeiro; se havia muito trabalho; se não havia muita "carona", etc. A certo momento, lembrou-se do perguntar pelo titulo da casa e suas finalidades. Essas perguntas que deveriam ser as primeiras foram exactamente as ultimas:

— ... e como é que se chama a tua casa, Pedro?



— "Ao faz tudo".
— E o que você faz aqui?
— Ora! O proprio nome indica—faço de tudo. Concerto até relógios com o cotovello...

— Ahn! Então você faz tudo?

— Faço.

— E agora o que é que você está fazendo?

E o Pedrão com aquella calma, com aquelle socego que lhe são tão característicos, esboçou um sorriso e "matou o amigo na cabeça":

— Eu agora estou fazendo... nada!...

Sultão

PHRASES
AO
VENTO

O velho parecia uma sombra daquelle angustia feita homem que Jannings creou em "Tortura da Carne".

— Que é que pediu ao Anno Novo?

— Qualquer cousa como um jantar.

**

— Calças largas, vinte annos e o ridiculo glorioso da irresponsabilidade.

— Que é que pediu ao Anno Novo?

— Um automovel, para ser amado.

**

Olhos de quem viu á vida inteira como os nossos olhos vêem uma manhã de chuva.

HISTORIA VULGAR

Maria Rosa cantava
Do nascer do pôr ds sol,
Com uma voz que lembrava
O canto do rouxinol.

Tambem a Rosa Maria
Logo de manhã cedinho
Era como a cotovia
Cantando á beira do ninho

As duas eram formosas
De porte airoso e gentil;
Faziam lembrar as rosas
Em fusca manhã de Abril.

O amor chegou, um dia,
Abraçou-as de paixão.
Mas a ambas — quem diria! —
Pelo mesmo coração!

Eram duas a querer,
Uma só a ser querida,
Tinha uma que soffrer
Prá outra ser preferida...

Rosa Maria, ditosa,
E feliz, vai-se casar.
A pobre Maria Rosa
Nunca mais se ouviu cantar!...

ROSA SYLVESTRE



— Que é que pediu ao Anno Novo?

— Que é que pode pedir ao amanhã quem só olha para o hontem?

**

Olhos de sonho. Trinta annos. E' tão linda "que

seu sorriso não sabia de sua belleza".

— Que é que pediu ao Anno Novo, minha minha amiga?

— Você meu amor.

MOAB

PHOTOGRAPHIA IDEAL Alexandre Janczur

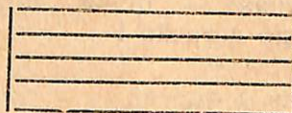


Com casa especial de molduras para quadros, espelhos, vidros, retratos de crystal, santos em alto relevo, estatuetas e estampas.

Camara escura para amadores

Machinas photographicas, films, chapas, reveladores, etc.

Rua do Rosario, 30
Telephone, 386
JUNDIAHY



A INSTALADORA

RUA DO ROSARIO, 63 — TELEPHONE, 369
(PRAÇA DA INDEPENDENCIA)

Motores, transformadores, lustres, plafonieres, oleo para qualquer especie de machina. Grandes exposições permanentes de artigos de luxo e phantasia. Dispondo de habéis engenheiros electricistas, encarrega-se de installações de luz e força, fazendo levantamentos de plantas e orçamentos. — Lampadas de todos os typos e todas as potencias. —

Artigos de electricidade em geral

Annuncios luminosos, para todos os preços

CONFETARIA SERENO

Bebidas finas, licores, Aperitivos, vinhos, Aguas Mineraes e refrescos.

Doces, fructas e chocolates. Charutos e Cigarros.

ANTONIO SERENO

Rua Barão de Jundiahy, 118
Largo da Matriz - JUNDIAHY



Correio de "SULTANA"

Jurema — Nesta — Embora um pouco tardiamente, recebemos. Procure nos enviar seus trabalhos com maior antecedencia.

Raul O. Delgado — Avaré — Recebemos. Publicamos hoje, um. Os outros oportunamente. A vida de imprensa é assim mesmo. O que aconteceu comsigo, aconteceu áquelles todos que trilham essa senda espinhosa. Encare os dissabores com superioridade e deixem os pobres de espirito que grem.

Luccas Agostinho — Nesta — Publicamos hoje seu ultimo trabalho. Esperamos em breve ter mais trabalhos seus em nossa pasta.

Francisco Pessolano — C. Limpo — Hoje, um trabalho e uma das photographias. Gostosamente faremos o mesmo com os outros.

Lagrima Oculta — Nesta — Até que enfim appareceu. Já andavamos com saudades suas. Não se esqueça de que contamos sempre comsigo.

Duilio Gambini — Avaré — Está contente comnosco? Ambos os seus desejos estão satisfeitos. Os amigos mandam nesta casa.

Léo Junior — Curityba — Por onde andou o presado amigo que não nos quiz, dar a honra de sua collaboração este mez? Recebemos o ultimo numero de «Prata de Casa». Agora, cabe-nos a vez de perguntar: «Até onde quer a fidalguia de Léo Junior levar o Miro?» Gra-tissimos, pela attenção dispensada a nossa descolorida carta.

Carlos Pinheiro Junior — Paranaguá — Foi com satisfação que recebemos a carta do presado co-estaduano. Gratos pelas palavras de estímulo nella contidas, vamos attender ao seu pedido.

Genoveva Lourenço — S. Paulo — Publicamos hoje seu ultimo trabalho. Teremos no proximo mez novas suas? Esperamos.

JOÃO DO ORIENTE



(Pentencia de acceso de Armandus Haerlem)